

## O TRABALHO DE MULHERES NA RECICLAGEM: AMBIGUIDADES, FRONTEIRAS E REPRESENTAÇÕES

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.10411>



**Luciana Codognoto da Silva**

*Universidade Estadual Paulista – UNESP – Brasil*



### Resumo

Esta pesquisa visa destacar algumas das representações presentes no cotidiano de trabalho e vida de mulheres sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio - ARPE, localizada no interior do Estado de São Paulo - SP. Utiliza-se a metodologia em história oral, com o emprego de entrevistas semiestruturadas, em paralelo às contribuições teóricas elencadas pelos estudos históricos, culturais e pós-coloniais. Evidenciou-se que, devido às escassas possibilidades de emprego em outros setores laborais do município, muitas mulheres acabaram sendo dirigidas para o trabalho com os recicláveis como forma de gerir o sustento de si e de suas famílias, demarcando, assim, um local de ambiguidades e de fronteiras entre a atuação e a participação feminina em uma atividade profissional considerada honesta, porém, ainda hoje, marginalizada por muitos na sociedade.

**Palavras-Chave:** História Oral; Mulheres na Reciclagem; Representações.

### Introdução

Esta pesquisa objetiva destacar as ambiguidades e as representações ligadas ao trabalho e à vida de mulheres sócias da ARPE – Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio (SP) – formada por homens e em sua grande maioria por mulheres catadoras que, desde o ano de 2003, passaram por uma nova experiência de organização e realização coletiva das atividades de coleta e comercialização de resíduos sólidos no Município de Presidente Epitácio (SP). Optou-se por problematizar a participação feminina na referida Associação pelo fato desta se apresentar como um dos grupos de catadores mais estruturados da Região do Oeste Paulista, aliado ao fato dela concentrar, em seu espaço de trabalho, um percentual significativo de mulheres associadas e em cargos de liderança.

Na referida Associação, observou-se um percentual significativo de mulheres, correspondendo ao número de 33 (trinta e três), ou seja, 75% dos 44 (quarenta e quatro) sócios/as que se fizeram presentes durante o momento de pesquisa na Associação, que abrangeu o período de janeiro de 2009 a janeiro de 2011. A história do tempo presente e o

trabalho com a história oral são os recursos metodológicos utilizados durante este estudo, associado às análises provenientes dos estudos históricos, culturais e pós-coloniais.

Destarte, esta pesquisa encontra-se dividida em quatro grandes partes. Na primeira, serão abordados os conceitos de gêneros, raças/cores e classes sociais enquanto marcadores de diferenças, poder e resistências femininas. Na segunda, a história do tempo presente e a metodologia em história oral serão contempladas enquanto recursos metodológicos desta pesquisa. Na terceira, será apresentado um breve histórico da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio - ARPE, evidenciando a sua formação e contribuição, principalmente social para o município onde ela está instalada. Por último, serão realizados apontamentos sobre como o trabalho feminino com a reciclagem atua, concomitantemente, como espaço de ambiguidades, demarcando um local de fronteira que delimita tanto aspectos positivos quanto negativos do trabalho feminino com os recicláveis.

### **Marcadores de Poder, Marcadores de Resistências: Relações de Gêneros, Classes Sociais e Raças/Cores**

O conceito de gênero é muito recente na historiografia, surgindo, mais especificamente, na década de 1980. Esse momento foi marcado pela tentativa de ampliação das temáticas e do corpo teórico alusivo às práticas políticas, históricas e sociais que marcaram os movimentos sociais, sobretudo o Feminista, trazendo para o centro dos debates as questões referentes às práticas dominadoras e discriminatórias baseadas na natureza dos corpos.

Para Sader (1988), é a partir das experiências coletivas que pessoas, até então excluídas, adquirem presença no campo social e político, mediante a manifestação de seus interesses, vontades, direitos e práticas psicossociais que as caracterizam e as conduzem ao estabelecimento de uma coesão grupal, conferindo-lhes a possibilidade de participar diretamente do acontecimento histórico. Logo, para o autor:

O novo sujeito é social; são os movimentos populares em cujo interior, indivíduos, até então dispersos e privatizados, passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas (SADER, 1988, p. 10).

Assim, as condições impostas pela divisão capitalista de trabalho social têm certamente grande importância para a compreensão e surgimento dos novos movimentos sociais. Eles são uma resposta coletiva das pessoas aos problemas que vivenciam, procurando

atingir, mediante reivindicações, melhores condições de vida e visibilidade social na construção e no (re)fazer de suas histórias em diferentes intervalos de tempo e espaço.

Os novos sujeitos, organizados em movimentos sociais, surgem na tentativa de questionar, dentre outras possibilidades, a posição ocupada por diferentes pessoas na sociedade ao longo de toda a história, uma história marcada pela invisibilidade de mulheres, negros e pobres. Assim, busca-se passar do silêncio á palavra como forma de melhor problematizar as mulheres catadoras enquanto sujeitos sociais ativos e múltiplos, constituídos em processo amplo de mudanças, permanências e resistências, contexto do qual as relações de gêneros surgem como um importante norteador destas análises.

Para Scott (1995), o conceito de gênero se deu na tentativa de questionar a construção de uma identidade existente de antemão para as mulheres, demarcada a partir dos traços biológicos, a qual visou atribuir um significado peculiar a homens e mulheres na sociedade. Assim, a questão da “diferença dentro da diferença” trouxe à tona um debate sobre o modo e a necessidade de se articular os gêneros enquanto categoria de análise, podendo-se perceber também nas palavras da referida autora, ao afirmá-lo como meio de teorizar a questão da diferença sexual, ou seja, o gênero enquanto construção social dos sexos. Logo:

No seu uso mais recente, o termo gênero parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’ [...] Nos Estados Unidos, o termo gênero é extraído tanto da gramática, do uso da linguística, quanto dos estudos de sociologia dos papéis sociais designados às mulheres e aos homens. Embora os usos sociológicos de ‘gênero’ possam incorporar tônicas funcionalistas ou essencialistas, as feministas escolheram enfatizar as conotações sociais de gênero em contraste com as conotações físicas de sexo (SCOTT, 1992, p. 86).

Butler (2003) ressalta as questões de gêneros enquanto significados culturais assumidos pelo corpo sexuado. Ademais, elas designam ainda, segundo a autora, um aparato de produção cultural, mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos socialmente, através dos tempos: “[...] é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p. 25).

Os estudos que primam pelas relações de gêneros surgem na tentativa de contemplar os processos de subjetivação e as categorias epistêmicas de problematização dos sujeitos históricos e psicossociais. Neste sentido, não é possível falar de um cotidiano da mulher, mas sim em vários cotidianos das mulheres, carregados de pluralidades necessárias à tentativa de teorização sobre o que há de estreitamente comum em suas vidas: a árdua luta da

desconstrução de paradigmas pautados na biologia dos sexos e dos papéis de gênero destinados a homens e mulheres na sociedade.

As marcas sobre os corpos, especialmente sobre os corpos femininos, refletem poderes diferenciados, que produzem desigualdades de pertencimentos sociais e, como tais, se constituem dentro de um plano de historicidade. Nesta perspectiva, pode-se dizer que o corpo atua como um palco de forças no contexto social, pautado na segregação dos paradigmas de raças/cores, gêneros, classes e outros marcadores sociais. Estes, por sua vez, não podem ser compreendidos alternada e separadamente, mas, de maneira articulada, segundo bem salientou Azerêdo (2002).

Louro (2004) salienta que os lugares sociais e as chamadas posições de sujeito na sociedade são em grande parte determinados pelas marcas catalogadas no essencialismo dos corpos. Segundo ela:

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais de cultura. Então, os corpos são o que são a cultura. [...]. Podem valer mais ou menos. Podem ser decisivos para dizer do lugar social de um sujeito ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de certo grupo cultural. Características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos em marcas de poder (LOURO, 2004, p. 75-76).

Esses corpos, apresentados como híbridos e constituídos por múltiplas referências, segundo bem salientou Haraway (1995), são atravessados por representações estéticas e morais, que, muitas vezes, divergem do que é concebido pela sociedade como perfeito, ideal e equivalente a um padrão estabelecido de mulher, ou seja, que escapa das normativas de inteligibilidades e coerências que Butler (2003) demarcou como sendo restrito a uma matriz heteronormativa. Daí a importância de se problematizar as diferenças, uma vez que se torna impossível pensar os gêneros desvinculados de outras questões também políticas e culturais, como as classes sociais e as raças/cores. Somente assim se poderá dar visibilidade às diversidades e às multiplicidades entre as mulheres que intentam romper com os pressupostos uníssomos de feminilidade em muitos espaços sociais.

Destarte, como bem lembrou Sorj (1993), nem tudo é uma questão de gênero. Mesmo quando o objeto de estudo tem como eixo principal as relações de gêneros, faz-se ainda necessário abarcar outros conceitos como de raças/cores e classes, que, em momentos variados, alertaram e conduziram importantes debates suscitados durante essa pesquisa. Daí a importância de uma problematização política dessas questões pela Psicologia em relação aos processos de subjetivação feminina.

Além da categoria raças/cores, outro marcador importante nesse processo é o de classe social, cujo conceito pode ser evidenciado através de Thompson, quando ressalta que:

Por classe, entendo um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura, nem como uma categoria, mas como algo que de fato acontece nas relações humanas. Mais do que isso, a noção de classe contém a noção de relação histórica [...]. Essa relação vem sempre corporificada em pessoas reais e num contexto concreto (THOMPSON, 1992, p. 67).

Nesse sentido, é preciso destacar que os conceitos de classes sociais e raças/cores, assim como os pressupostos de gêneros e sexualidades, são construções sócio-históricas, estando associados a certos valores de significação, de modo a refletirem formas diferenciadas de tratamento das pessoas na sociedade, no acesso delas ao mercado de trabalho e nas práticas psicossociais ligadas aos processos de subjetivação dos corpos.

Judith Butler (2003) tem promovido problematizações a respeito de como a existência de uma matriz heteronormativa reitera e constrange, pela via dos discursos, as expressões das corporalidades – os corpos enquanto processos dinâmicos e abertos às novas e constantes significações culturais, sociais, históricas e políticas – limitando-as a um modelo padrão, de modo que todas as expressões corporais que escapam dessa matriz de inteligibilidade tendem a cair no enfoque da abjeção, o que, conseqüentemente, impede/nega outras possibilidades de identificação, conforme poderá ser observado nos dados que compõem as histórias de vida de mulheres no contexto de trabalho da reciclagem.

## **Metodologia**

A História do Tempo Presente será uma das principais vias para se problematizar importantes pontos suscitados durante esta pesquisa. Recorre-se a ela por se tratar de um tempo mais recente de análise, em que as pessoas e o contexto envolvidos estão ainda atuantes. Neste sentido, foram realizados levantamentos de trabalhos e pesquisas que primam olhares aos estudos de gêneros, além de abordagens advindas dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais.

Destacamos que foi a partir da década de 1960 que se tornaram frequentes as entrevistas junto aos membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de viver o mundo. Esta fase ficou conhecida como “História Oral Militante”, a qual privilegiava o trabalho com sujeitos e grupos, cujas histórias eram dificilmente estudadas. Nesse mesmo período, o depoimento oral se constituiu em uma importante fonte para produção e análise do historiador/a e para pesquisadores das ciências humanas, o que possibilita, hoje, construir um discurso pautado no conhecimento e, sobretudo

na compreensão e interpretação histórica e psicossocial mais completa, rica e simultaneamente, complexa. Nas palavras de Joutard:

[...] oral nos revela o indescritível: toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são considerados muito insignificantes - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita (JOUTARD, 2000, p. 33).

Paul Thompson (1992) salienta que a História Oral é construída sobre pessoas comuns que se transformam de "objetos de estudo em sujeitos da História". Os grupos de participantes ignorados tradicionalmente, como índios, negros e mulheres, passaram a ser reconhecidos nas pesquisas acadêmicas, incorporando suas experiências à narrativa histórica e psicossocial. No que se refere aos estudos das mulheres, esta perspectiva foi muito forte, pressupondo a existência de uma ação feminina na História, que, por longos anos, foi submergida pelo preconceito e pela escrita androcêntrica.

O trabalho com a História Oral tem se voltado principalmente para os temas da vida cotidiana, ao retomar assuntos ligados ao mundo do trabalho, à problemática de gênero e à construção de identidades, acentuando, significativamente, as pesquisas relacionadas ao estudo das mulheres, justificando a relevância de seu uso e de sua especificidade na presente pesquisa. Nesta perspectiva, destaca-se a utilização da História Oral enquanto fonte primária deste estudo, abrangendo perguntas abertas e semiestruturadas, dirigidas às mulheres sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio - ARPE.

A ideia de ampliar olhares sobre a história das mulheres catadoras se deu mediante a problematização de suas práticas diárias de vida privada e do trabalho local com os recicláveis. Na referida Associação, observou-se um percentual significativo de mulheres, correspondendo ao número de 33 (trinta e três), ou seja, 75% de um total de 44 (quarenta e quatro) sócios/as, entre homens e mulheres, que se fizeram presentes durante o momento de pesquisa na Associação, que abrangeu o período de janeiro de 2009 a janeiro de 2011. Um dos fatores que mais chamou a atenção foi a grande quantidade de mulheres associadas e em cargos de lideranças na Associação e a participação majoritária feminina em movimentos de catadores. Tratava-se de mulheres pobres, muitas delas, provedoras ou coprovedoras de família e provindas majoritariamente das raças/cores negra e parda, que buscavam, no trabalho da Associação, obter o sustento financeiro e a possibilidade de participação no mundo do trabalho não restrito ao lar.

Apesar do número elevado de mulheres na referida Associação, optou-se por realizar as entrevistas com apenas 18 (dezoito) sócias, mulheres de diferentes idades, de participação ou não em cargos lideranças e de distintas trajetórias de vida pessoal, do qual se destacou

apenas alguns trechos mais relevantes para esta análise. Houve a preocupação de se considerar somente alguns aspectos que caracterizam as mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, como forma de preservar suas identidades e suas histórias de vida. Assim sendo, as participantes serão evidenciadas ao longo do texto somente pelas iniciais de seus nomes, idade e, possivelmente, a posição que ocupavam na Associação.

Quanto ao tratamento dado às entrevistas, estas foram realizadas mediante a utilização do gravador de áudio, seguido do pedido de autorização das participantes. Considerou-se relevante o trabalho com entrevistas temáticas semiestruturadas dentro da metodologia da História Oral, combinando perguntas abertas e fechadas, uma vez que permitiu às participantes a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto e, à pesquisadora, o alcance dos objetivos propostos na pesquisa, tal como enfatizaram Boni e Quaresma (2005). Este tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume de informações a ser coletadas, favorecendo a intervenção do pesquisador no momento em que considerar oportuno, proporcionando que os objetivos da pesquisa sejam alcançados mais facilmente.

Por fim, optou-se em transcrever os trechos das entrevistas a partir da norma culta da língua portuguesa, como recomendado nos estudos de Whitaker (2002), sem, no entanto, modificar o sentido das frases ou dos conteúdos relatados pelas/os depoentes. Tais aspectos assinalam uma atitude de respeito, consideração e valorização das falas das pessoas simples, participantes diretas da construção dessa pesquisa.

### **A Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: Breve História**

O Município de Presidente Epitácio, local onde está instalada a Associação, está localizado na região do Oeste Paulista, em proximidade com os Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná. Sua população estimada é de 39.298 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 1285,2 km<sup>2</sup>. Seus setores econômicos mais produtivos são o comércio e a prestação de serviços, de maneira a se apresentar também como pólo de visitação turística, devido à presença de rios, orlas, parques e demais atributos ligados à cultura e ao lazer, presentes em larga escala em todo o perímetro municipal.

Ao ser caracterizado estância turística, o Município desenvolveu ações de gerenciamento de resíduos sólidos em todo o seu perímetro urbano e rural. Até o mês de junho de 1999, a destinação final do lixo era realizada em um lixão a céu aberto, localizado na Avenida Marginal Juliano Ferraz Lima, a 200 metros da margem do Rio Paraná. A partir da desativação do lixão a céu aberto, a Prefeitura desenvolveu estudos para a execução de formas mais adequadas para a deposição do lixo gerado na cidade. Essas ações foram contempladas

com a construção de um aterro controlado, situado na Estrada Vicinal Presidente Epitácio/Caiuá, km. 5, com área territorial de 96.800 m<sup>2</sup>, local onde é realizado o processo de exoneração dos resíduos não recicláveis do Município.

É preciso destacar que, com o novo sistema de gerenciamento de resíduos, ocorreu a proibição do trabalho anterior na catação, fato que provocou um problema de ordem social em relação aos catadores/as que desenvolviam essa atividade há mais de vinte anos no antigo lixão municipal. Nesse momento, a questão social despontou como uma “preocupação modesta” do Poder Público, já que, muitas pessoas, impedidas de desenvolverem suas atividades na catação anterior, passaram a não mais terem espaços para proverem seu sustento financeiro, antes gerado pelo trabalho precário no lixão.

Com o objetivo de resolver esse impasse, a Prefeitura buscou desenvolver estudos para a implantação do Projeto de Coleta Seletiva em seu território. O primeiro passo foi a realização do cadastro das pessoas que tinham atividade no antigo lixão, os/as catadores/as, e, posteriormente, daquelas que desenvolviam as atividades de catação nas ruas da cidade, os/as denominados/as carrinheiros/as. O cadastro inicial contava com 48 nomes, sendo 20 deles carrinheiros/as e 28 ex-catadores/as das ruas da cidade. As pessoas cadastradas para o novo sistema de gerenciamento de resíduos do Município não prosseguiram na Associação. Dentre os motivos alegados estavam a não adaptação ao trabalho organizado sob a regência de horários e normas estabelecidas pelo grupo.

Como forma de resolver esse problema e para evitar possíveis conflitos, foi firmado um acordo entre os catadores informais e os organizados, ressaltando que o material reciclável recolhido na Avenida seria destinado somente aos/as carrinheiros/as e o dos bairros residenciais do Município, aos/as associados/as da ARPE. Nesse contexto, foi instituída, em 21 de março de 2003, a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, momento em que foram traçados seus primeiros planos de trabalho no Município e elaborado o seu Estatuto interno. Por meio do convênio com o Comitê da Bacia Hidrográfica do Pontal do Paranapanema - CBH-PP e de recursos provenientes do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo foi instalado e equipado o refeitório para os membros da ARPE e construído um barracão de 200 m<sup>2</sup> na área pública do aterro controlado, espaço cedido pela Prefeitura Municipal para a instalação da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Cumprе mencionar que os homens e, principalmente as mulheres catadoras foram “dirigidos/as para esse ambiente de trabalho”, na medida em que a falta de possibilidades de emprego com garantias de estabilidade e melhores condições de trabalho e salário os/as levavam a buscar na Associação uma alternativa de sobrevivência e sustento financeiro para si

e seus familiares. Em síntese, pode-se afirmar que esse local de atuação profissional é também um importante ponto social que abriga e, ao mesmo, marginaliza os/as catadores/as, na medida em que demarca espaços desprestigiados, mas necessários ao sustento de homens e, sobretudo de mulheres da referida Associação, conforme veremos a seguir.

### **O Trabalho Feminino com os Recicláveis: Ambiguidades, Fronteiras e Representações**

Nessa pesquisa, os estudos das representações sociais assumem um caráter essencial. Isto porque, elas instituem e criam significados ao trabalho de homens e, sobretudo de mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Apesar de não se apresentarem como fato, elas têm possibilitado um terreno fértil para a formação de um conhecimento compartilhado e elaborado socialmente, onde as questões de classe, raça e de gênero encontram-se interligadas e refletidas no contexto de trabalho local com os recicláveis.

Entende-se por representações os conceitos cunhados por Falcon (2000), Lefebvre (1979) e Moscovici (2001/2005). Em relação a sua fundamentação etimológica, Falcon concebe as representações: “[...] provindas da forma latina *repraesentare* – fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma ideia, por intermédio da presença de um objeto” (FALCON, 2000, p. 45). Nos estudos de Durkheim (1970), há a preposição de distinção entre as representações coletivas – objeto da sociologia – e as representações individuais – objeto da psicologia –, de forma a separá-las em categorias distintas de análise e não como elementos que se interligam para explicar determinados fatos.

A partir de Moscovici (2005), elas assumem uma terminologia social, concebidas pelo autor de *Representações Sociais*. A teoria proposta por Moscovici consiste em desvendar a forma pela qual pessoas e grupos constroem, assimilam, utilizam e se apropriam de um determinado saber. Para ele, a representação social é formada a partir da epistemologia popular, com base no senso comum, que reelabora e cria imagens referentes aos conhecimentos da vida cotidiana, ao atribuir-lhes um sentido que nem sempre se apresenta como verdadeiro na sociedade.

É preciso destacar que a atividade com os recicláveis mostra-se permeada por constantes ambiguidades, uma vez que as condições precárias e informais de trabalho e remuneração propiciam o estabelecimento e o compartilhar das falsas percepções do real sobre esse espaço de produção. Estes aspectos contribuem para a consignação de novas práticas sociais, atuantes no cotidiano das mulheres entrevistadas, posto que, de um lado, possibilita uma visão positiva de sobrevivência de muitas trabalhadoras que se encontravam

marginalizadas e sem alternativas de subsistência e, de outro, não deixa de apresentar a conotação negativa, elaborada e dirigida à imagem das mulheres catadoras.

Inicialmente, há que se destacar que um número de 12 (doze) mulheres da Associação realiza o trabalho de coleta dos materiais recicláveis pelas ruas de Presidente Epitácio. Esse processo consiste na troca dos sacos verdes, representado pela entrega do utensílio vazio pelas sócias e, por sua vez, do saco contendo os recicláveis por parte da população. Elas são atendidas, em grande parte, pelas chamadas “donas-de-casa”, denominação designada pelas associadas para se referirem às mulheres epitacianas que as recebem na ocasião de coleta dos resíduos sólidos. Este momento assinala a interação e o contato direto delas com a população e caracteriza-se pela formação e o compartilhar de ideias sobre o trabalho feminino no âmbito local dos recicláveis, de forma a transparecer as contradições de classe, de gênero e de raça no mercado de trabalho do Município.

Ao saírem pelas ruas da cidade, as sócias se apresentam vestidas com o uniforme da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Semelhante ao de funcionários de empresas convencionais, o uniforme proporciona às mulheres recicladoras um status de trabalhadora que geralmente lhes é negado quando circulam pelas ruas com roupas humildes. Ademais, ele tem produzido efeitos simbólicos importantes para muitas delas, no sentido de oferecer-lhes o sentimento de pertença a um espaço de produção e, por meio dele, a possibilidade de perceber “quem realmente são”, enquanto mulheres e trabalhadoras, conforme relatou uma das participantes:

O uniforme é minha armadura. Eu me sinto munida para estar diante da dona de casa, chegar a um órgão público ou em alguma empresa privada e dizer: eu sou uma trabalhadora! Sou catadora! Estou aqui representando a minha Associação [...] Somos reconhecidas como as “verdinhas” (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

O fato de se apresentarem à sociedade com o uniforme da Associação lhes proporciona sair do anonimato. Logo, serem reconhecidas como “as verdinhas” lhes conferem uma identidade de grupo, bem como a força necessária para enfrentarem os preconceitos existentes em relação ao trabalho na catação. O uniforme é tido como um registro profissional das mulheres no espaço de trabalho do Município. Este fato lhes permite a atenuação das representações, de forma a não serem vistas socialmente como as “relegadas às zonas mais selvagens da cartografia urbana – as lixeiras, as ruas e os guetos” – mas, trabalhadoras, grupo e movimento social. Estes aspectos visam desconstruir a velha e generalizada imagem das mulheres recicladoras enquanto “indigentes, perigosas e pedintes” para aquela ligada a um grupo organizado de pessoas vinculadas ao trabalho com os resíduos sólidos.

É importante salientar que a atividade feminina na catação não apresenta uma única representação ou sentido. De acordo com Medeiros e Mácedo (2006), o trabalho com os recicláveis abarca tanto os aspectos positivos quanto os negativos e abrange relações ambíguas que direcionam para uma fronteira que demarca a valorização e, ao mesmo tempo, a desvalorização de pessoas que desenvolvem suas atividades laborais nesse setor de produção. Esses aspectos podem ser observados a partir do uso do uniforme pelas sócias da ARPE, que também tem sentido de marca social de um determinado grupo. Ele, ao mesmo tempo em que confere visibilidade às mulheres catadoras, passa também a acentuar olhares negativos, isso porque representa espaços e condições sociais vivenciados por elas.

As verdinhas, conforme se evidenciou na fala da entrevistada, são, por vezes, associadas ao lixo, ao descarte, às pessoas das quais se deseja ficar longe, porque podem não ser confiáveis ou porque não detém capital, segundo ressaltou uma das sócias:

A gente chega com a nossa camiseta em uma loja, eles olham diferente. Você vai fazer um crediário, eles sempre ficam com um pé atrás, preconceito: é o visual, o que eles veem, porque um catador de material reciclável que trabalhou o dia inteiro chega com o uniforme sujo, com uma manchinha, não maquiada ou bem penteada em uma loja. Isso acontece muito, até aconteceu com uma sócia nossa que foi em uma loja e queria ver um eletrodoméstico, um DVD, eu acho. Ela estava com a camiseta da associação, de bicicleta e com os materiais pendurados na bicicleta e a menina da loja disse: aqui não tem nada pra você! Vai lá à banquinha do Paraguai que lá deve ter alguma coisa que sirva para você comprar. Tanto que depois, ela foi com o marido dela, em outro dia, tomada banho, bem arrumada, visualmente bem e comprou aquilo que ela queria. Eu também já tive alguns preconceitos não falados e não ditos, mas visíveis da gente chegar a um lugar e a pessoa te olhar diferente e até demorar para te atender ou te atender de má vontade. Teve até lugar que eu desisti e fui embora (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

Trata-se da exclusão social, de que fala Martins (2002), quando diz que as pessoas estão em estado de marginalização: algumas, de processos produtivos e, por isso, ficam a perambular em busca do que fazer para sobreviver; outras, à margem de melhores possibilidades e da certeza do que possuem para viver a vida e; outras ainda, de seus sonhos, conforme ficou evidenciado em relação à compra do DVD por uma das sócias da Associação. Assim, o uso do uniforme pelas mulheres da ARPE se apresenta em meio a ambiguidades, posto que, de um lado, valoriza o trabalho desenvolvido por elas e, de outro, demarca lugares e atividades pouco reconhecidas pela sociedade. Em outras palavras, trata-se de um ambiente construído em torno de representações sobre o cotidiano de vida e trabalho dessas mulheres.

Tais representações se constituem, ao mesmo tempo, como falsas e verdadeiras, que amarram e abrem brechas para a transformação social, conforme aponta Lefebvre (1979). De acordo com Moscovici (2001) as representações sociais se apresentam sustentadas por um conhecimento popular, visto como privilégio de um grupo reduzido, que impõe certeza aos

demais e lhes retira o direito de avançar para um estágio mais elevado de conhecimento e atuação. Nesse caso, trata-se não do fato objetivo, mas da percepção que a sociedade apresenta do real de vida dessas mulheres, construído em meio a um saber manifesto socialmente, que delimita espaços de visibilidade às catadoras e, se torna também, instrumento de valor que atribui significados peculiares e, ao mesmo tempo, dúvida à vivência delas no trabalho com os recicláveis. Em relação a esses aspectos, assinalou uma das entrevistadas:

A gente escuta esse tipo de coisa: as lixeiras estão passando; na reciclagem só tem ‘candango’; só tem mulher feia! Tudo o que não presta está na reciclagem. A gente escuta essas coisas! [...] Tem gente que faz de tudo para judiar da gente: esses dias, peguei um saco que só tinha tijolo e porcarias também: papel higiênico usado, fralda de criança. Nessas coisas a gente é humilhada (L.F.S, 37 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

Assim, corrobora-se com Lefebvre (1979), quando destaca que a força das representações reside na capacidade de estabelecer vínculos inexistentes no plano da realidade, dissimulando-as de seu contexto real. Essas questões podem ser percebidas nas palavras da entrevistada, ao fazer referência à frase: “tudo o que não presta está na reciclagem”. Desse modo, parece haver uma simultaneidade de imagens que caracterizam os recicláveis, como matéria desprovida de valor, suja e danosa, e as mulheres que atuam em seus limites de trabalho, as quais “emanam e evocam todo o mal social, isto é, a sujeira, o feio e a pobreza”, expressões redundantes e não detentoras da verdade, mas que produzem significados para a elaboração e o compartilhar do senso comum sobre o trabalho feminino no âmbito local da reciclagem.

Faz-se necessário destacar que as sócias da ARPE encontram-se diariamente em contato com o que é descartado, inutilizado e indesejado pela sociedade, fatores que contribuem para o agravamento de sua invisibilidade social. O desenvolvimento de suas atividades é permeado por vulnerabilidades e precariedades, as quais revelam riscos eminentes de contrair doenças e exposição a ambientes em que predominam odores, insetos e baixa remuneração. Diante disso, há que se registrar a existência de relações de poder pautadas não somente nas questões de classe, de gênero e de raça para a elaboração e perpetuação de representações sobre o trabalho com os recicláveis.

Este fato acena para a formação e perpetuação de um conhecimento compartilhado socialmente, que elabora e cria significados duvidosos ao trabalho dessas mulheres. Logo, é preciso destacar que o ambiente onde os/as catadores/as desenvolvem suas atividades com os recicláveis tem, em maior ou menor proporção, propiciado um terreno fértil para a formação e atuação das representações, as quais têm dificultado o processo de rupturas que visam revelar

as contradições presentes na realidade de trabalho local na reciclagem. Nesse sentido, há que se destacar que o núcleo das representações, dirigidas às mulheres da ARPE, está relacionado ao lugar onde está situado a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, uma vez que, lixo e catadores/as encontram-se diretamente em contato, colaborando para a disseminação das denominações “lixeiros, candangos e trabalhadoras do lixo”, que, como tal, acabam sendo propagadas socialmente, conforme ficou evidenciado nos depoimentos das mulheres participantes dessa pesquisa.

Mesmo diante desse contexto social em que o jogo de forças apresenta contradições infundáveis, acredita-se que as catadoras podem ser protagonistas de ações transformadoras, uma vez que o trabalho desempenhado por elas, além de alvo de representações, passa a ser enxergado, por uma parcela da população epitaciana, como fundamental no processo de diminuição dos problemas causados pelo lixo e dos fatores desencadeados por ele. Em relação a esses aspectos, ressaltou uma das sócias: “Tem gente que trata a gente ótimo: chegam a dar até Coca-Cola e café; chamam a gente para sentar” (M.A.S, 34 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 23 de abril de 2010).

Há momentos em que as mulheres da Associação são percebidas, pela população local, como pessoas fortes para o trabalho com os recicláveis. Nesse contexto, o corpo feminino passa a ser intuído de força frente às adversidades ambientais e sociais da atividade cotidiana com os resíduos sólidos, conforme relatou uma das entrevistadas: “Tem gente que trata bem e pergunta: nossa filha, como você aguenta esse sol? Quer uma água? Senta e descansa” (D.G.G.M, 26 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada no dia 08 de março de 2010). Com o reconhecimento ou a percepção do real, ainda que tênue de seus trabalhos como uma atividade social e ambientalmente relevante, as participantes dessa pesquisa têm conquistado, aos poucos, suas identidades enquanto mulheres e trabalhadoras. Todavia, esse processo acontece de forma lenta e com um alcance em longo prazo, em decorrência das adversidades que permeiam seus trabalhos e, sobretudo, da ruptura das marcas geradas por representações, conforme advertiu uma das participantes:

Embora a gente sofra alguns preconceitos e não tenha reconhecimento, trabalhar na Associação e saber todo benefício que a gente traz para o município é muito bom e eu sei que lá na frente, a gente vai ser reconhecida por isso, obrigatoriamente (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

Entende-se que essas mulheres estão ressignificando o conceito de trabalho, atribuindo importância para uma atividade que, historicamente foi e ainda continua a ser desprezada e,

mesmo, pouco considerada como trabalho, devido à situação de rejeite utilitário e de desprestígio social para quem faz uso diário do que é tido como obsoleto. Portanto, o trabalho feminino na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio se apresenta permeado por ambiguidades, caracterizando um estado de fronteira que demarca o positivo e o negativo, a inclusão e a marginalização, a valorização e a desvalorização.

Trata-se de um trabalho que, ao mesmo tempo em que oferece às mulheres as condições para o sustento de si e de seus familiares, propicia também um movimento constante que tem gerado um conhecimento comum que, ao ser criado e apropriado socialmente, passa a ressignificar elementos que solidificam a falsa percepção do cotidiano delas com os recicláveis. A partir disso, entende-se que rupturas estão sendo produzidas mediante um processo de desconstrução de um falso saber criado e apropriado socialmente, agora, reelaborado e dotado de novos significados e sentidos pelas mulheres participantes desta pesquisa. Porém, esse processo tende a acontecer de forma gradual e lenta, a partir do momento em que se entende que esse espaço vem contribuindo não somente para gerir sobrevivências, como também para se tornar o lugar de vivência de novas relações sociais, muitas delas, mediadas pelo desejo igualitário de gênero e de participação direta dessas mulheres na sociedade.

### **Considerações Finais**

Esse estudo mostrou que o espaço de trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio tem se apresentado como um local de fronteira, que delimita tanto fatores positivos – possibilidade de sobrevivência mediante a prática diária em um trabalho considerado honesto e, a partir dele, a obtenção do sustento financeiro – quanto fatores negativos – condições inadequadas de trabalho, baixa remuneração salarial e estigma social. Tais aspectos encontram-se relacionados ao papel conferido pelas representações que, nesse caso, funcionam como a falsa percepção do real de vida e trabalho das mulheres catadoras, sendo elas elaboradas socialmente, apresentando funções específicas e, ao mesmo tempo, ambíguas e equivocadas.

Ademais, cabe ressaltar que a atividade com os recicláveis não abarca um único sentido ou representação. Ao contrário, esse trabalho, conforme salientam os estudos de Medeiros e Mâcedo (2006), demarca um estado de fronteira entre o positivo e o negativo e a valorização e desvalorização de pessoas vinculadas a esse espaço de atuação profissional. Tais aspectos assinalam importante ruptura das marcas geradas pelas representações que, por muito tempo, conferiram o ambiente doméstico e o cuidado dos/as filhos/as como atividades

fundamentais voltadas às mulheres. O trabalho na reciclagem, ao mesmo tempo em que tem permitido a estas mulheres maior participação na vida pública, ainda as têm envolvido nas esferas pautadas na divisão sexual do trabalho, uma vez que foram constatados, durante a pesquisa, os seus direcionamentos para a atividade com os recicláveis devido às escassas possibilidades de emprego, com melhores garantias de estabilidade e remuneração social, oferecidas em outros setores laborais do Município de Presidente Epitácio - SP.

Embora uma parcela das mulheres esteja engajada em espaços públicos da sociedade, muitas delas, conforme evidenciado durante este estudo, buscam sair de uma condição social precária, marcada por estigmas sociais da diferença, seja de raças/cores, de sexualidades ou classes sociais. Por fim, retoma-se o argumento que norteou esta pesquisa, afirmando que “lixo é todo o objeto que perde sua função de uso, e assim é lançado para fora, porque chegou ao final de sua utilidade. No entanto, para muitas dessas mulheres, o fim significa o começo de tudo, porque, é por meio do aproveitamento do lixo, do manuseio da matéria considerada morta, obsoleta e acabada, que se transformam e atribuem novas funções e direções às suas vidas.” Com isso, produzem condições para que elas próprias tenham vida, gerem seus sustentos e, mais, se constituam trabalhadoras e sujeitos sociais, mesmo em meio às adversidades diárias que marcam os seus trabalhos com os recicláveis.

## **THE WORK OF WOMEN IN RECYCLING: AMBIGUITIES, BORDERS AND REPRESENTATIONS**

### **Abstract**

This research aims to highlight some of the representations present in the daily life and work of women members of the Presidente Epitácio Recycling Association - ARPE, located in the interior of the State of São Paulo - SP. The methodology is used in oral history, using semi-structured interviews, in parallel with the theoretical contributions made by historical, cultural and postcolonial studies. It was evidenced that due to the scarce possibilities of employment in other labor sectors of the municipality, many women ended up being directed to work with recyclables as a way of managing the sustenance of themselves and their families, thus marking a place of ambiguities And borders between the performance of female participation in a professional activity considered honest, but still today, marginalized by many in society.

**Keywords:** Oral History; Women in Recycling; Representations.

## EL TRABAJO DE MUJERES EN EL RECICLADO: AMBIGUIDADES, FRONTERAS Y REPRESENTACIONES

### Resumen

Esta investigación pretende destacar algunas de las representaciones presentes en el cotidiano de trabajo y vida de mujeres socias de la Asociación de Reciclaje de Presidente Epitácio - ARPE, ubicada en el interior del Estado de São Paulo - SP. Se utiliza la metodología en historia oral, con el empleo de entrevistas semiestructuradas, en paralelo a las contribuciones teóricas enumeradas por los estudios históricos, culturales y postcoloniales. Se evidenció que, debido a las escasas posibilidades de empleo en otros sectores laborales del municipio, muchas mujeres acabaron siendo dirigidas al trabajo con los reciclables como forma de gestionar el sustento de sí y de sus familias, demarcando así un lugar de ambigüedades Y de fronteras entre la actuación la participación femenina en una actividad profesional considerada honesta, pero aún hoy, marginada por muchos en la sociedad

**Palabras-Clave:** Historia Oral; Mujeres en la Papelera de reciclaje; Representaciones.

### Referências

AZERÊDO, Sandra Maria da Mata. O político, o público e a alteridade como desafios para a psicologia. **Revista Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v.4, n.22, p. 14-23, jul./dez. 2002.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n.1(3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Forense, 1970.

FALCON, Francisco José Calazans. História e Representação. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000. p. 41-79.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza**. Madri: Ediciones Cátedra, S. A., 1995.

JOUTARD, Phillipe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 43-62.

LEFEBVRE, Henry. **Metafilosofia – Prolongamentos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história da modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2000.

MEDEIROS, Luíza Ferreira Rezende de; MÂCEDO, Kátia Barbosa. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia e Sociedade**. v.18. Maio/Agos. 2006.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas à representação social: elementos para uma História. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.45-66.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2005.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Novas Perspectivas – UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, Jul./Dez. 1995.

SORJ, Bila. Relações de gênero e teoria social. **In Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu (MG), 1993. [Mimeo].

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WHITAKER, Dulce. **A sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

Data de recebimento: 26/07/2017

Data de aceite: 02/01/2018

#### **Sobre a autora:**

*Luciana Codognoto da Silva* é Psicóloga. Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourado (UFGD). Doutora em Psicologia e Pós-Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Assis). Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPNA. Endereço Eletrônico: lupsico.codognoto@gmail.com